

LEITURAS DE TEXTOS DE GREVE: DIÁLOGOS E DISTINÇÕES

LECTURES DE TEXTES DE GREVE: DIALOGUES ET DISTINCTIONS

Ercilene Maria de Souza Vita
Faculdade de Educação da USP

Resumo: Este artigo analisa excertos de textos escritos por dois dos pólos da greve de estudantes e trabalhadores da Universidade de São Paulo, realizada no primeiro semestre do ano de 2016. Tendo como metodologia o paradigma indiciário de Ginzburg, a *Análise de Discurso* via Pêcheux e conceitos da retórica de Aristóteles estuda alguns dos movimentos textuais e de sentido verificados ao longo da leitura desses textos. Também estuda as diferentes posições dos enunciadores desses textos que, por força de suas diversas condições de produção, acabam estabelecendo um diálogo que se verifica, em alguns momentos, especular e, em outros momentos, bastante diferenciado.

Palavras-chave: greve; movimentos textuais; discurso; retórica.

Résumé: Cet article analyse des extraits de textes écrits par deux des pôles de la grève des étudiants et des travailleurs de l'Université de São Paulo, qui a eu lieu au premier semestre de l'année 2016. La méthodologie utilisée est le paradigme indicière de Ginzburg. On fait aussi appel à l'Analyse du Discours de Pêcheux et aux concepts de la rhétorique d'Aristote dans cet article, pour l'étude de quelques uns des mouvements textuels et de sens qui ont pu être vérifiés lors de la lecture de ces textes. On y étudie également les différentes positions des leurs énonciateurs qui, à cause de leurs différentes conditions de production, finissent par établir un dialogue à la fois spéculaire et très distinct.

Mots-clés: grève; mouvements textuels; discours; rhétorique

Introdução

Este artigo é um dos resultados particulares gerados a partir de uma reflexão coletiva. Explico: por força da recente greve das universidades públicas do Estado de São Paulo, um grupo formado por alunos-pesquisadores em *Análise do Discurso* da Universidade de São Paulo acabou decidindo estudar alguns dos discursos que se faziam acerca da greve e/ou de seus agentes/personagens. Assim, durante nossas reuniões, pudemos explicitar e desvelar algumas formações de sentido presentes nos diferentes textos analisados - que eram em sua maioria provenientes da mídia impressa ou de boletins/comunicados que, além de ter seu uso e publicação usuais, também circulavam (e ainda circulam) pela internet.

Os textos que fazem parte do *corpus* deste trabalho fazem parte deste último grupo.

Descrição do *corpus*

Para este trabalho, selecionei como *corpus* inicial os Boletins do Sindicato dos Trabalhadores da USP que foram publicados no período entre 29 de abril a 1º de junho de 2016. São os boletins de nº. 38 a 59, ou seja, 21 boletins publicados ao longo de 34 dias, o que dá uma média de aproximadamente 1 boletim a cada 1 ou 2 dias.

Também foram selecionados dois comunicados e um informe da Reitoria da Universidade de São Paulo, disponíveis neste mesmo período¹.

Dos 21 boletins do Sindicato dos Trabalhadores, oito foram escolhidos para uma análise mais detalhada. São os boletins de nº. 38, 40, 50, 52, 53, 54, 56, 58².

a - Os Boletins do Sindicato dos Trabalhadores

Os Boletins do Sindicato dos Trabalhadores, em sua materialidade, são compostos de duas páginas frente/verso e são impressos em preto e vermelho, sobre um papel tipo jornal, sendo

¹ Os comunicados têm os seguintes títulos: "O absurdo e os malefícios da "greve preventiva" na USP "(de 11 de maio de 2016) e "Não é verdade que o reitor queira acabar com o RDIDP" (de 13 de maio de 2016). O informe da Reitoria apresenta o título: "Exercício com responsabilidade do direito de greve do trabalhador" (de 1º de junho de 2016)

² Assim, a partir de agora, quando houver alguma transcrição de um dado de algum desses boletins, o número correspondente ao boletim em questão aparecerá ao lado do dado e entre parênteses.

que em alguns há nuances de cinza também. A manchete é escrita em caixa alta, logo abaixo do cabeçalho que indica o nome do sindicato, o nome da gestão (Sempre na Luta! Piqueteiros e Lutadores), os anos de 2014/2016 (provavelmente o período para o qual essa gestão foi eleita), o número e a data do boletim, assim como também indica há quantos dias a categoria está em greve.

Normalmente, nesses boletins, também existem alguns desenhos ou fotos, a agenda para a greve, a indicação de alguns eventos, uma nota de rodapé em que se lê: “Reintegração de Brandão e retirada dos processos!”. Em alguns dos boletins também há a indicação de uma conta para doações para o Fundo de greve.

Em todos eles, há uma grande alternância de textos em caixa alta e caixa baixa, sendo que o tamanho da letra da manchete inicial é sempre maior. Também há uma grande alternância entre textos marcados em negrito e textos sem marcação.

De um modo geral, há muitas palavras de ordem escritas em caixa alta, ao passo que a continuação do texto é escrita em caixa baixa.

b - Os comunicados e o informe da Reitoria

Os comunicados e o informe da Reitoria são publicados por uma jornalista que se identifica já no início do texto. Neles, há também a indicação da data e do horário da publicação. Suas manchetes não estão em caixa alta. Há, porém, uma razoável alternância entre frases ou termos marcados em negrito e frases ou termos sem marcação. Os trechos marcados em negrito são normalmente os que compõem as manchetes ou aqueles em que se quer dar um destaque especial para uma palavra ou expressão específicos.

Ao final, há as seguintes menções: “Artigo impresso de Sala de Imprensa: <http://www.usp.br/imprensa> URL do artigo: (indicação da URL) - Copyright 2010- USP - Sala de Imprensa”.

Análise

Dada a quantidade de textos que compõem o *corpus*, não caberia aqui neste artigo analisá-los a todos mais especificamente. Assim, após uma análise geral desses textos, decidi tomar como metodologia de análise o paradigma indiciário de Ginzburg, que defende a ideia de que um indício, um detalhe, pode por muitas vezes revelar de modo claro e mais pertinente uma determinada situação. Foi, então, em busca desses indícios específicos e metonímicos - uma vez que representarão a situação geral - que parti para uma segunda leitura e análise do *corpus*.

Durante a análise dos excertos escolhidos, já de antemão, alguns movimentos retóricos - utilizados na tentativa de convencer, de passar uma imagem de verossimilhança ou de autoridade em relação ao que se diz - puderam ser percebidos. Aristóteles define retórica “como o que é adequado a cada caso com o dom de persuadir” (2005, p.95) e salienta que existem três formas de tentar convencer: a primeira reside no caráter moral do orador, a segunda, no modo como se coloca o ouvinte (ou seja, na forma como os sentimentos são nele evocados) sendo que a terceira, por fim, se situa no próprio discurso, “pelo que este demonstra ou parece demonstrar” (2005, p.96).

Desse modo, ao longo da análise dos textos que fazem parte do *corpus* deste artigo, levamos em consideração essas três formas de convencimento identificadas por Aristóteles, tentando identificar os movimentos textuais percebidos nos dados.

Convém ressaltar que, já logo no início, o que pareceu bem evidente foi a grande diferença na quantidade de textos do SINTUSP e da Reitoria, publicados e disponíveis na internet ao longo do mesmo período. Enquanto - de 24 de maio a 1º de junho, como já indicado - houve a publicação de 21 boletins do SINTUSP, apenas 3 comunicados da Reitoria³ foram publicados. Isso se deve, provavelmente ao fato de que de um modo geral - para chamar mais a atenção da mídia ou então para conseguir maior adesão por parte do público - a parte mais fragilizada, ou que tem menos poder, precisa mostrar mais ação e energia em suas ações e pronunciamentos. A esse respeito, Orkibi (2016, p.127), citando o teórico Theodore Otto Windt salienta que a agressividade na utilização de uma determinada linguagem está relacionada ao fato de que quem dela lança mão está em uma categoria ou um estatuto social de menor poder, hierarquicamente inferior. Essa falta de

³ Obtive a informação de que houve um número maior de comunicados da Reitoria, feitos por e-mail. Porém esses e-mails não eram destinados a toda a comunidade da USP, e, portanto, não serão objeto deste trabalho.

poder acaba fazendo com que essa categoria tenha um menor acesso à mídia, aos procedimentos institucionais, às instâncias decisórias, bem como à própria comunicação com a população.

Tal diferença de poder entre as partes parece efetivamente se desvelar quando se comparam os Boletins do SINTUSP e os comunicados da Reitoria:

- a quantidade de textos apresentada por ambas as partes é bem diferente (como já vimos);
- a materialidade da letra utilizada para as palavras de embate também não é igual (nos boletins do SINTUSP, elas aparecem inúmeras vezes em caixa alta⁴);
- os termos utilizados denunciam um grau diferente de “violência verbal”.

Assim, para que possamos verificar como se dão tais movimentos e distinções, começaremos então nossa análise por alguns trechos dos Boletins do SINTUSP:

OU DERROTAMOS ZAGO OU ELE ACABA COM A USP NÃO SAIREMOS E RESISTIREMOS (38)

QUEM NÃO PODE COM FORMIGA NÃO ATIÇA O FORMIGUEIRO! (40) ZAGO DECLAROU A GREVE! VAMOS A ELA! (40)

A GREVE EXPLODE NA USP É O EFEITO ZAGO SOMADO AOS 3% (52)

O CRUESP IMPLODE (58) AGORA A GREVE VAI CRESCER AINDA MAIS E RADICALIZAR (58)

Percebe-se nesses trechos - além da caixa alta, que nesse caso pode ser considerada como a materialização de um grito - que o campo léxico empregado tem uma relação com a violência (implode (58)/explode (52)), com o desafio (40), com a resistência (38), com a polarização (ou/ou (38) e com a radicalização (58)).

Poderíamos repreender o SINTUSP por isso? Pela utilização de recursos retóricos tradicionalmente considerados como inadequados? Orkibi defende que não, pois cita mais uma vez Windt quando este escreve:

Não tendo acesso à televisão e aos jornais, eles⁵ deviam criar fóruns e estabelecer meios aptos a atrair a atenção do público. Foi com esse objetivo que criaram formas retóricas, e se engajaram em ações simbólicas que pareciam às vezes contraditórias em seus objetivos [...] - **formas retóricas e ações que, à primeira vista, parecem ser ineficazes: obscenidades⁶, moralismo estridente e modo de vida da contracultura** (WINDT, p. 1, apud ORKIBI, 2016).

Assim, a evidente diferença de poder entre Reitoria e SINTUSP deixaria como saída para este último o recurso a estratégias de embate mais enérgicas e/ou pungentes, tais como a utilização de gritos e de palavras mais agressivas. Bourdieu (p. 23, 2008) salienta, por exemplo, o fato de que as trocas linguísticas são também trocas simbólicas. Daí não se poder desconsiderar que o lugar de poder que um falante ocupa, acabe afetando a sua maneira de falar.

Além do uso desse recurso de apelar para o sentimento do ouvinte, outro procedimento retórico existente - porém normalmente não recomendado pelos teóricos - é o ataque ao adversário. Neste caso, tanto os Boletins do SINTUSP quanto os comunicados da Reitoria recorrem

4 Nos comunicados e informes da Reitoria não há nenhum texto em caixa alta.

5 Os que pregavam o fim da guerra

6 Grifo meu

a ele, ainda que de um modo diferente. Os comunicados aludem ao comportamento dos membros do SINTUSP, porém não diretamente a um ou outro participante do sindicato, como podemos observar nos seguintes excertos:

“Essa atitude de provocação e ameaça - e de sabotagem declarada das negociações - agride os fundamentos básicos da convivência na USP e mesmo da prática sindical. (...) **Esse tipo de provocação** não faz parte das relações modernas entre servidores e a administração”

“O resto é maledicência promovida por **aqueles que não amam a USP e que não têm compromisso** com a pesquisa, com o ensino e com a missão maior da universidade pública.”⁸

Percebe-se aqui que a referência à outra parte, ao adversário, é feita de modo indireto: aqueles que (...), essa atitude (...) (ou seja, a atitude de um sujeito específico).

Já nos boletins do SINTUSP ainda que esse tipo de referência apareça, o que é muito mais comum é o ataque direto e personalizado ao reitor, como se todo o problema fosse gerado por ele somente, e não por um conjunto de agentes. Assim, podemos ler frases como:

**É O EFEITO ZAGO SOMADO AOS 3% (52)
A GREVE CONTINUA! ZAGO A CULPA É SUA! (54)**

Sem dúvida (esta greve) será também das mais combativas: a razão disso é o tamanho do ataque que estamos recebendo desse reitor. (54)

**Zago ainda vem falar em quem ama e quem não ama a universidade!
ESTA GREVE ZAGO É CONTRA VOCÊ (54)**

Zago continua nos seu firme propósito de tentar destruir o Sintusp (40)

Ao mesmo tempo em que as duas partes atacam-se uma à outra, há também uma tentativa de desacreditar o discurso ou a atitude do outro, como se pode verificar pelos excertos presentes na tabela abaixo:

SINTUSP	REITORIA
<p>A reitoria está reagindo a isso com ameaças e tentativas de intimidação contra os trabalhadores (53)</p> <p>Isso mostra que a reitoria está com medo (53)</p> <p>Todas essas manobras dos reitores só acarretam mais indignação nos trabalhadores e estudantes (...) (56)</p> <p>Vejamos, bastou que afirmássemos que vamos exigir transparência nas contas da Universidade, em especial na reserva financeira e seu devido rendimento para que ele (o reitor) enviasse a todos um e-mail, primeiro se mostrando bonzinho ao conceder os míseros 3% de reajuste (...) (59)</p>	<p>O absurdo e os malefícios da “greve preventiva” na USP Foi com perplexidade, surpresa e grande preocupação O que espanta não é a greve, em si.</p> <p>O espantoso, nesse caso.....Na verdade, atropela as negociações.</p> <p>Essa atitude de provocação e de ameaça - e de sabotagem declarada das negociações –</p> <p>Esse tipo de provocação não faz parte das relações modernas entre servidores e a administração da instituição .</p> <p>(11/5)</p> <p>O resto é maledicência promovida por aqueles que não amam a USP. (...)</p> <p>Essa boataria não procede. Só interessa a quem quer envenenar o ambiente universitário com mentiras e maldades.</p> <p>(13/5)</p>

⁷ Comunicado de 11 de maio

⁸ Comunicado de 13 de maio

Enquanto o SINTUSP desqualifica o discurso da Reitoria dizendo que ele encobre manobras, tentativas de intimidação e ameaças, assim como um mascaramento de suas verdadeiras intenções, a Reitoria também desqualifica o movimento dos funcionários dizendo que uma greve preventiva não tem razão de ser pois é absurda, maléfica, espantosa, motivo de perplexidade, surpresa e de grande preocupação. Em um outro boletim há uma outra desqualificação do discurso do SINTUSP que é nomeado como sendo um conjunto de boatos. Porém, o mais interessante em relação ao discurso emitido pela Reitoria é o trecho em que se diz que a atitude do SINTUSP é de provocação e ameaça, de sabotagem às negociações, posto que, segundo a Reitoria, as relações modernas entre servidores e administradores da instituição não comportam esse tipo de provocação. Ele é interessante pelo fato de que não há uma explicação acerca do que seriam essas relações modernas, nem do que seria o moderno e qual seria a sua diferença em relação ao que é considerado antigo. Tem-se aí um subentendido não referenciado no texto, que dá margem à seguinte conclusão: as relações modernas de trabalho não dão ao trabalhador a mesma possibilidade - seja ela qual for - que antes era dada, uma vez que as relações modernas não são assim, mas as antigas eram. Isso posto, apesar de a interpretação mais rasa levar para o sentido de que os trabalhadores estão errados por se portarem como antes, num segundo momento, podemos perceber que essa fala só aparece porque os trabalhadores perderam alguma coisa que tinham antes e que, portanto, não podem mais agir como agiam e são, então, restringidos em seu direito.

Ainda quando se desqualifica ou se desautoriza o outro, uma das estratégias é passar uma impressão de verossimilhança. É fácil perceber que ambas as partes desse diálogo tentam se situar no lugar de onde viria a verdade:

SINTUSP	REITORIA
<p>Não há dúvida Sem mobilização e luta....(38) APÓS A CONGREGAÇÃO DA ECA DESMENTIR A JUSTIFICATIVA DE ZAGO SOBRE O MOTIVO DE EXPULSAR O SINTUSP: SILÊNCIO DA REITORIA(40)</p>	<p>Na verdade, atropela as negociações. (11/5) Como se vê, estamos lidando aqui com um absurdo (11/5) Apenas para que não fique nenhuma dúvida sobre o absurdo da “greve preventiva”, vale recapitular o nosso calendário.(11/5) Esta proposta , como se vê, não é secreta. (13 de maio) Esta é a verdade. O resto é maledicência promovida por aqueles que não amam a USP. (13/5) (...)a Reitoria esclarece: não é verdade que o reitor tenha a intenção de extinguir o RDIDP (13/5)</p>

Se observarmos essa tabela, podemos perceber que os trechos marcados em negrito se referem a articuladores do discurso, ligados todos eles a uma ideia de transmissão da verdade, à construção de um *ethos* de narrador que quer guardar para si a impressão de ser verdadeiro e de ser aquele que transmite a exata noção do que se passa. Os textos da Reitoria são mais marcados por esse tipo de articulação do que os textos do SINTUSP que, por sua vez, aposta na ideia do “quem cala, consente” para argumentar que Zago, ao ser desmentido - e portanto, ao não ter como rebater uma verdade dita - acaba ficando em silêncio por não ter argumento algum em sua defesa.

Uma outra forma de passar a ilusão de garantidor da verdade é o que podemos chamar de “utilização de um futuro profético”. Note-se que no português mais cotidiano, usamos o verbo *ir* no presente, associado ao infinitivo do verbo principal para indicarmos uma ação futura (ele vai sair, por exemplo). Na linguagem escrita, o futuro de presente (forma simples) também é usada com um certa frequência, porém tanto nos boletins do SINTUSP quanto nos informes da Reitoria, esse futuro do presente assume a aparência de uma quase-profecia. Como se se quisesse dar um caráter de autoridade ao que é dito, de previsão do que acontecerá:

SINTUSP	REITORIA
o que certamente será aprovado em assembleia (50) Este novo ato (...) certamente será ainda maior que o de ontem (50)	Confiamos que a grande maioria da comunidade universitária não vai aceitar passivamente essa “greve preventiva” e, também, extemporânea, que não contribuirá para melhorar as relações entre servidores e universidade, e dificultará sobremaneira a solução das demandas trabalhistas.(11/5)

No caso dos Boletins do SINTUSP, esse caráter de predição do futuro é auxiliado pelo advérbio “certamente”, enquanto que - no comunicado da Reitoria de 11 de maio - esse caráter assertivo do que está por vir é enfatizado pelo negrito dado a esses termos no próprio texto original.

a - Diálogo à distância

Se observarmos os textos que fazem parte do *corpus*, podemos perceber que - ainda que distantes - existe um diálogo entre as partes. Um dos boletins do SINTUSP, inclusive, diz que Zago (59) é o maior leitor dos boletins do sindicato.

SINTUSP	REITORIA
ESTA GREVE ZAGO É CONTRA VOCÊ E SEU PROJETO DE SUCATEAR PARA PRIVATIZAR (54) A REITORIA DA USP RADICALIZA E NOS OBRIGA A RESPOSTAS À ALTURA(58) Zago é o mais assíduo leitor de nossos boletins e tenta prontamente responder enrolando. (59) Depois, (Zago) argumenta os excessos de contas, ora aqui abrimos parênteses e questionamos: os trabalhadores também não têm contas?(59)	Foi com perplexidade (...) que recebemos o comunicado do sindicato dos trabalhadores da USP (11/5) Não é verdade que o reitor queira acabar com o RDIDP (13/5) Tendo em vista a circulação de boatos que procuram tirar vantagem de dúvidas legítimas (13/5)

Na tabela acima, podemos ler algumas indicações - não tão evidentes, porém perceptíveis - no sentido de que existe um movimento de consequência entre uma fala (ou ação) de uma parte do diálogo e a outra.

No excerto do Boletim 54, há um vocativo (Zago) e uma afronta direta a quem se chama pelo vocativo (“é contra você e seu projeto...”). No excerto do Boletim 58, há uma resposta ao que é considerado radicalismo da Reitoria. Já no excerto do Boletim 59, há justamente uma menção direta ao fato de que os redatores do SINTUSP consideram que Zago - e seus colaboradores - leem os boletins do sindicato. No excerto seguinte do mesmo boletim, há uma pergunta a partir de um argumento levantado por Zago.

Já por parte da Reitoria, como se observa no excerto do Comunicado de 11 de maio, há uma tentativa de desmentir um entendimento que circulou acerca do RDIDP. No excerto seguinte, existe uma explicação sobre o que se considera um boato e no último exemplo, uma menção direta a respeito de um comunicado do sindicato.

Todas essas frases indicam um diálogo ainda que distante - no espaço e no tempo - entre os protagonistas desse embate. E esse diálogo é ainda mais visível nos exemplos a seguir:

SINTUSP	REITORIA
Zago ainda fala em quem ama e quem não ama a universidade! ZAGO, VOCÊ JÁ DEVE TER OUVIDO A FRASE POPULAR: “QUEM AMA NÃO MATA”. (54) (de 23/5)	O resto é maledicência promovida por aqueles que não amam a USP (13/5)

Percebemos por meio dessas frases que, no dia 13 de maio, o comunicado da Reitoria insinua que os que disseram algo contra ela não amam a USP, sendo que dez dias depois, o boletim do SINTUSP sugere que é justamente Zago que não ama a USP, pois ele a está destruindo.

Rossi-Landi salienta que

Uma comunidade linguística se apresenta como uma espécie de *imenso mercado no qual palavras, expressões e mensagens circulam como mercadorias*. Podemos perguntar-nos quais são as regularidades que regem a circulação das palavras, expressões e mensagens, começando pelos *valores* segundo os quais elas são *consumidas e trocadas*. (...) (p.86) É o valor de troca dos produtos que os torna *mercadorias*. (ROSSI-LANDI, 1985, p. 85/86).

Percebemos então, por estes excertos dos boletins e dos comunicados em análise, que em relação ao amor que se tem ou não pela universidade, parece haver uma tentativa de apropriação do termo por cada uma das partes. Como se cada uma delas disputasse o poder de utilizá-lo a seu favor. Percebe-se também - pelo fato de o sentido ser negociado e não pertencer a ninguém - que ao mesmo tempo que existe essa disputa pela utilização da palavra, o termo objeto de disputa (“amor”) acaba se prestando a inúmeras possibilidades de interpretação.

Também é o que acontece no seguinte trecho do comunicado da reitoria de 11 de maio, em que se lê que:

É nesse sentido que conclamamos os espíritos livres desta Universidade para que, sem abrir mão de um único direito, não permitam que sejam desfeitas as nossas pontes de diálogo.

O termo “livre” na expressão “espíritos livres” acaba se tornando tão vago que mesmo pessoas com pensamentos muito diversos podem se identificar a ele. Como o que acontece, segundo Bourdieu (2008, p. 27), com os “*mal-entendidos que levam indivíduos opostos em tudo a se reconhecerem na mesma mensagem*”. Isso acontece pois no campo da religião e da política, ainda como diz Bourdieu, a polissemia existente na própria língua acaba assumindo efeitos ideológicos potencializados, pois:

A polissemia da linguagem religiosa e o efeito ideológico da *unificação dos opostos* ou da *denegação das divisões* por ela produzidos se devem ao fato de que, à custa das *reinterpretações*, supostas na produção e na recepção da linguagem comum por locutores situados em posições diferentes no espaço sindical - dotados, portanto, de intenções e de interesses diferentes -, ela consegue falar a todos os grupos e todos os grupos a podem falar, ao contrário da linguagem matemática, que só pode assegurar a univocidade da palavra “grupo” controlando estritamente a homogeneidade do grupo dos matemáticos. (BOURDIEU, 2008, p.26).

No caso da utilização do termo “livre” pela Reitoria, parece ter havido uma tentativa de ampliar a identificação dos leitores com o termo, e assim ampliar também o nível de adesão deste leitor ao discurso do narrador. Por meio da utilização desse termo, o comunicado da Reitoria tenta buscar uma maior aprovação e um número maior de adeptos.

Não é o que acontece em muitos boletins do SINTUSP. Aliás, ainda que em algumas vezes se leia trechos⁹ em que há uma enumeração e/ou uma interpelação de várias categorias que podem se unir em relação à greve, muitas vezes há uma redução do público que é chamado pelo discurso do SINTUSP. Como no exemplo:

OU DERROTAMOS ZAGO OU ELE ACABA COM A USP

NÓS, TRABALHADORES, SEREMOS OS PRIMEIROS (38)

Sabemos que a palavra “trabalhador” já é bastante marcada do ponto de vista histórico, social e ideológico. Porém, como se pode ver no exemplo acima, quando se coloca a explicação do pronome “Nós” entre vírgulas, dando a ele o significado de trabalhadores do SINTUSP, exclui-se desse grupo os professores da USP, que poderiam, a rigor, fazer parte dele.

Para Pêcheux, o sentido é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo nos processos construídos historicamente em que as palavras, expressões e proposições são produzidas (Pêcheux, 1988). Em um sentido complementar a este, Rossi-Landi salienta que

A linguagem, as línguas enquanto seus produtos, formam-se na dialética da satisfação das necessidades, ou seja, dentro do processo de instituição das relações de trabalho e de produção, também a linguagem é trabalho humano e as línguas são a sua objetivação necessária, (ROSSI-LANDI, 1985, p. 68).

A partir disso, poderíamos pensar que o sentido da palavra “trabalhador” poderia ter sido mais bem aproveitado nos boletins do sindicato, de forma a não excluir uma categoria.

De acordo com o dicionário Caldas Aulete, a definição de “trabalhador” é a seguinte:

1. Que trabalha (indivíduo trabalhador); ATIVO; LABORIOSO [Antôn.: mandrião, preguiçoso.]
2. Que se dedica com esmero, afincos etc. à execução de tarefa(s)
sm.
3. Pessoa que trabalha; EMPREGADO; OPERÁRIO

A categoria dos professores da USP poderia ser associada à primeira definição do substantivo. Não poderia, no entanto, ser relacionada às duas outras, uma vez que a USP é uma autarquia e por conseguinte, seus funcionários não podem ser chamados de empregados, nem de operários.

As definições para esses dois últimos termos são as seguintes:

EMPREGADO

1. Que se empregou, utilizou
2. Que foi colocado em uso, aplicado: *Contabilizou os lucros empregados no projeto como investimento.*
3. Que foi admitido em emprego [Antôn.: desempregado,

⁹ “Anteontem, 18/5, marchamos no ato unificado em defesa da educação chamado pelos secundaristas em luta no MASP. O SINTUSP esteve com uma delegação de trabalhadores em greve, dizendo que trabalhadores e estudantes universitários, secundaristas e professores, em luta em São Paulo, no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul, Ceará, contra os cortes de Alckmin, Temer e todos os governos, fazem uma só luta!” (53)

demitido.]

sm.

4. Aquele que tem função ou emprego remunerado em firma, empresa etc.;

OPERÁRIO

sm.

1. Qualquer pessoa que exerce uma ocupação manual mediante o pagamento de salário.

2. Pessoa encarregada do trabalho mecânico ou manual em indústrias e fábricas; TRABALHADOR

3. P.ext. Qualquer trabalhador, artífice ou artesão.

4. P.ext. Quem tem projetos, realiza-os, promove campanhas¹⁰ etc.; OBREIRO: *Os operários das santas missões*

a.

5. Ref. aos operários (classe operária).

[F.: Do lat. *operarius*, *ii*]

Entretanto, é o próprio discurso da Reitoria que chega a aproximar essas duas categorias, quando em seu informe, transcreve um acórdão do TRT da 2ª Região:

O movimento paredista, como é cediço, implica a suspensão do contrato de trabalho, não havendo direito líquido e certo à remuneração durante a realização da greve. Nada mais lógico, visto que o salário é a contraprestação básica paga pela empresa em decorrência do serviço realizado pelo empregado. **Não tendo a autora cumprido com sua obrigação, isto é, laborado no período, mostra-se razoável que a parte contrária não tenha que arcar com o salário (...)** Diante desse contexto, **não há que falar em ato antissindical por parte da USP**, mas sim em **exercício regular de um direito de realizar descontos salariais**, conduta considerada **lícita** por força dos arts. 462 da CLT e 188, I, do CCB&quo t;

(TRT 2ª Região – RO-0000551-16.2015.5.02.0020, Rel. Des. Benedito Valentini, 12ª Turma, j. em 03/12/2015).

Cabe aqui salientar que essa citação do acórdão é um tanto quanto dúbia (ou até mesmo errônea), pois, **além de não explicitar onde terminam as aspas**, também qualifica todo funcionário da USP como funcionário de uma empresa, e, portanto, como um empregado. No entanto, apesar de não ser adequada - posto que como já foi dito, a USP é uma autarquia¹¹ - ela não parece ter sido utilizada indelevelmente. Ela aparece justamente para cumprir um papel: o de reforçar um discurso crescente de que as universidades públicas devem ser privatizadas, discurso que está atualmente longe de um consenso.

Considerações finais

O embate social e político é caracterizado por muitas vozes divergentes, muitas vezes presentes dentro do mesmo discurso. Os diferentes movimentos retóricos tentam dar a essa divergência uma aparência de verossimilhança, característica necessária ao convencimento do leitor.

Ao analisar os excertos que fizeram parte deste trabalho, pudemos perceber que - em relação ao discurso sobre a greve - os dois pólos do diálogo que compuseram este estudo parecem ter se utilizado dos mesmos recursos, ou seja, dos mesmos movimentos retóricos de uma forma bastante similar. Porém, os Boletins do Sindicato dos Trabalhadores - quando comparados aos textos da Reitoria - acabam revelando uma fragilidade maior referente à posição de seu enunciador.

Por sua vez, o enunciador dos textos da Reitoria situa-se numa posição de maior estabilidade pois não precisa atacar o adversário de forma mais contundente. Também não precisa chamar a atenção do leitor com gritos de ordem e - sobretudo - não precisa utilizar-se de recursos como a

¹⁰ Note-se que, talvez, aqui, possa haver uma aproximação, mas discorrer sobre ela, está além dos limites deste trabalho.

¹¹ Autarquia e empresas têm estatutos diferentes.

constante produção de textos. Se pensarmos a partir do que escreve Rossi-Landi, considerando que a linguagem é um trabalho, podemos fazer um paralelo entre essa necessidade de maior produção linguageira por parte do trabalhador e aquela referente à de seus superiores hierárquicos. Se linguagem é trabalho, aqui, também nos textos desses dois pólos do diálogo, a “mais-valia” transparece.

Referências

ARISTÓTELES. **Retórica** in Obras Completas de Aristóteles, Volume VIII, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa: 2005. Disponível em: <file:///home/chronos/u-526880df506f97ac8815193876485f39fb59ed0d/Downloads/Arist%C3%B3teles%20-%20Obras%20Completas%20Vol.%20VIII-I%20-%20Ret%C3%B3rica.pdf>

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Edusp, 2008.

CALDAS AULETE. **Dicionário on-line**. Disponível em: <http://www.aulete.com.br>

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais (morfologia e história)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ORKIBI Eithan. Por que maldizemos quando protestamos? A polemicidade na ação coletiva. In: **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus: n. esp. ADARR, mai. 2016, p. 121-141. Disponível em: [-http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/issue/view/98](http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/issue/view/98)

ROSSI-LANDI, Ferruccio. **A linguagem como trabalho e como mercado (uma teoria da produção e da alienação linguística)**. São Paulo: DIFEL, 1985.

PÊCHEUX, Michel. Análise do discurso: três épocas. In:———. **Por uma análise automática do discurso**. Organização Françoise Gadet e Tony Hak. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

Recebido em 30 de outubro de 2016.
Aprovado em 16 de novembro de 2016.